Sképsis: Revista de Filosofia
ISSN 1981-4534
Vol. XVII, N. 33, 2026, p. 151-156

DEDICATÓRIA DE SÉBASTIEN CASTELLION À SUA TRADUÇÃO FRANCESA DA BÍBLIA

Introdução, tradução e notas:
Flavio Fontenelle Loque
Universidade Federal de Lavras
Email: flavioloque@yahoo.com

1 Introdução

Sébastien Castellion (1515-1563), protestante e erudito humanista, foi uma das principais vozes do século XVI a se levantar contra a pena capital como punição para a heresia. Sua posição tolerantista se tornou evidente após Michel Servet (*c.* 1511-1553) ser queimado na fogueira em Genebra no dia 27 de outubro de 1553. Servet não acreditava na trindade, como então se alegou. Sob o pseudônimo de Martin Bellie, Castellion publicou em março de 1554 o *De haereticis an sint persequendi*, antologia com passagens tolerantistas de vários autores. A obra veio a público dois meses depois da *Defensio orthodoxae fidei de sacra Trinitate*, na qual Jean Calvino (1509-1564) defende que é lícito punir heréticos e que Servet havia sido justamente condenado, respondendo assim a rumores de alguns protestantes que consideravam excessiva a condenação à morte por heresia.[1] A publicação de Castellion não constitui uma réplica à obra Calvino, o que ocorreria um pouco mais tarde, em junho do mesmo ano, quando da composição do *Contra libellum Calvini*, publicado postumamente em 1612 na Holanda. O *De haereticis an sint persequendi* foi respondido por Teodoro Beza (1519-1605), que em setembro publicou o *De haereticis a civili magistratu puniendis libellus*. Sob o pseudônimo de Basílio Monfort, Castellion redigiu no ano seguinte sua defesa, *De haereticis a civili magistratu non puniendis*, mas a obra permaneceu manuscrita até a publicação no século XX, como também foi o caso de *De arte dubitandi et confidenti, ignorandi et sciendi*. Em 1562, redigido originalmente em francês e publicado anonimamente, veio a lume o *Conseil à la France désolée*, obra em que Castellion não se contrapunha diretamente a Calvino ou Beza, mas rejeitava, como nas demais, competir ao magistrado a tarefa de punir heréticos, ainda mais à morte.[2] Todas essas obras, por clareza, estão listadas no quadro a seguir com os títulos originais completos acompanhados, quando existentes, dos títulos de suas traduções francesas quinhentistas:

---

[1] Calvino não é o único a defender a pena de morte para os heréticos. Entre os protestantes, também a defendeu, por exemplo, Heinrich Bullinger (1504-1575) em obra publicada em 1549, como observa Van der Woude (1954, p. 4, n. 1). Na tradição católica, Tomás de Aquino (1225-1274) foi um grande nome da defesa da pena capital para os heréticos (cf. *Suma Teológica*, II^{a}-II^{ae}, q. 11, art. 3). Entre os católicos quinhentistas, pode-se citar Artus Désiré (*c.* 1510-1559), autor de *Os Artigos do tratado da paz entre Deus e os homens*, de 1558, como apontado por Alazard *et al.* (2017, p. cliv).

[2] Para uma síntese da polêmica, veja-se Lecler (1994, p. 312-346). D'Arienzo (2008, p. ix-lxx) oferece uma exposição mais detalhada e com bibliografia mais atualizada. Veja-se ainda Guggisberg (2017, p. 73-119). Para um estudo do debate sobre a tolerância na França nos anos 1560 no qual as obras de Castellion são analisadas junto com outros panfletos tolerantistas, veja-se Yardeni (1971, p. 77-97).

POLÊMICA DECORRENTE DA EXECUÇÃO DE MICHEL SERVET EM GENEBRA (27 OUT. 1553)

Jan.	1554	Calvino, *Defensio orthodoxae fidei de sacra Trinitate contra prodigiosos errores Michaelis Serveti Hispani, ubi ostenditur haereticos jure gladii coercendos esse et nominatim de homine hoc tam impio juste et merito sumptum Genevae fuisse supplicium = Déclaration pour maintenir la vraye foy que tiennent tous Chrestiens de la Trinité des persones en un seul Dieu. Contre les erreurs detestables de Michel Servet, espaignol. Où il est aussi monstré qu'il est licite de punir les heretiques & qu'à bon droict ce meschant a esté executé par justice en la ville de Genève*
Mar.		Martin Bellie [Castellion], *De haereticis, an sint persequendi, et omnino quomodo sit cum eis agendum, Lutheri et Brentii, aliorumque multorum tum veterum tum recentiorum sententiae = Traicté des heretiques, à savoir si on les doit persecuter et comment on se doit conduire avec eux, selon l'advis, opinion & sentence de plusieurs autheurs, tant anciens que modernes*
c. Jun.		Castellion, *Contra libellum Calvini in quo ostendere conatur haereticos jure gladii coercendos esse* (pub. 1612)[3]
Set.		Beza, *De haereticis a civili magistratu puniendis libellus, adversus Martini Bellii farraginem et novorum Academicorum sectam = Traitté de l'authorite du magistrat en la punition des heretiques et du moyen d'y proceder [...] contre l'opinion de certains Academiques, qui par leurs escrits soustiennent l'impunite de ces qui sement des erreurs & les veulent exempter de la sujection des loix* (trad. fr. por Nicolas Colladon pub. 1560)
Mar.	1555	Basílio Monfort [Castellion], *De haereticis a civili magistratu non puniendis, pro Martini Bellii farragine adversus libellum Theodori Bezae libellus = De l'impunité des hérétiques* (pub. 1971)[4]
Out.	1562	Castellion, *Conseil à la France désolée, auquel est monstreé la cause de la guerre presente et le remede qui y pourroit estre mis et principalement est avisé si on doit forcer les consciences*
	1563	Castellion, *De arte dubitandi et confidenti, ignorandi et sciendi* (pub. 1937)[5]

As obras pertencentes à polêmica gerada pela execução de Servet são bem conhecidas.[6] Há, porém, outros dois escritos de Castellion cujo caráter tolerantista merece ser ressaltado: (1º) a carta dedicatória à sua tradução latina da Bíblia, datada de 1551 e parcialmente incluída pelo próprio Castellion no *De haereticis an sint*

[3] Tradução francesa elaborada e publicada no século XX: *Contre le libelle de Calvin après la mort de Michel Servet*. Traduction du latin, présenté et annoté par Etienne Barilier. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 1998.

[4] No caso desta obra, o título da tradução francesa foi atribuído pelo editor do manuscrito: *De l'impunité des hérétiques, De haereticis non puniendis*. Texte latin inédit publié par Bruno Becker, texte français inédit publié par M. Valkhoff. Genève: Droz, 1971.

[5] Tradução francesa elaborada e publicada no século XX: *De l'art de douter et de croire, d'ignorer et de savoir*. Traduction du latin par Charles Baudouin. Genève: Jeheber, 1953 [réédition: Carrières sous Poissy: Editions La Cause, 1996]. O texto latino foi publicado no volume *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*. Testi raccolti da D. Cantimori e E. Feist. Roma: Reale accademia d'Italia, 1937 [edição revista: *De arte dubitandi et confidenti, ignorandi et sciendi*. Introduction and notes by E. Feist Hirsch. Leiden: Brill, 1981].

[6] Infelizmente, delas não há tradução para o português. Salvo engano, a única exceção é a carta dedicatória do original latino do *De haereticis an sint persequendi*, publicada no Brasil por Leandro Thomaz de Almeida com base na edição francesa (cf. Castellion, 2014).

persequendi, (2º) a carta dedicatória à sua tradução francesa da Bíblia, publicada em 1555. O interesse desta última reside no matiz cético que Castellion confere à parábola do joio e do trigo, parábola que já havia sido mobilizada na carta dedicatória à tradução latina com o intuito de explicitar a contradição entre o que Cristo prescreve (não arrancar o joio) e aquilo que os intolerantes fazem (arrancar o joio, isto é, condenar os heréticos à morte).[7]

A tradução francesa da Bíblia feita por Castellion foi originalmente publicada em dois tomos. O primeiro se abre com quatro paratextos: (i) a carta dedicatória, (ii) um escrito intitulado "o meio para compreender a Santa Escritura", (iii) um "aviso sobre esta tradução" e, por fim, (iv) o sumário. A tradução aqui realizada limita-se à carta dedicatória e baseia-se na edição de 1555, gratuitamente disponível no Google Books. Em 2005, ocorreu a primeira reedição da obra, à qual, entretanto, não se teve acesso.[8] Todas as notas de rodapé são do tradutor.

2 Tradução

O muito valente e muito vitorioso príncipe,
Henrique de Valois, segundo com esse nome,[9]
pela graça de Deus, Rei da França muito cristão,
Sébastien Castellion, seu súdito,[10] saúda.

Quando, na batalha, a noite vem, paramos de combater até o dia raiar por medo de, golpeando a esmo, porventura matarmos os amigos em vez dos inimigos, pois vale muito mais poupar os inimigos do que matar ao mesmo tempo os amigos. Fazemos o mesmo durante o dia: após termos chegado ao combate corpo a corpo e nos misturado uns aos outros, a artilharia pára por medo do inconveniente que mencionei. Com que propósito digo isso, se vos aprouver, Senhor, vós o escutareis. O mundo está hoje em grandes perturbações e disputas, principalmente quanto à religião, e nele jamais houve tantos males e maldades, motivo pelo qual se pode pensar que isso é a noite da ignorância em que, se não estão todos, ao menos vários estão. Se houvesse luz em toda parte, jamais faríamos juízos tão diversos, até contrários, sobre um mesmo fenômeno. Ou, se há luz, ao menos os bons e os maus, em matéria de religião, estão de tal modo misturados que, caso se queira suprimir todos que não estão de acordo com a verdade, há o risco de, com o joio, arrancar o

[7] Beza já indicava haver um matiz cético na argumentação de Castellion em sua resposta ao *De haereticis an sint persequendi*, razão pela qual o associou aos "novos acadêmicos". A esse respeito, veja-se Popkin (2003, p. 11-13) e, sobretudo, Schmitt (1972, p. 62-66), que mostram como Beza rejeita a introdução, pretensamente realizada por Castellion, da noção de *akatlépsia* em questões religiosas.

[8] Eis a referência da reedição: *La Bible nouvellement translatée par Sébastien Castellion (1555)*. Préfaces de Pierre Gibert et Jacques Roubaud, introduction, notes et commentaires de Marie-Christine Gomez-Geraud, assistée de Laure Mistral. Paris: Éditions Bayard, 2005. Para uma recensão, veja-se Roessli (2008).

[9] Henrique II (1519-1559), casado com Catarina de Médici, reinou de 1547 até sua morte. Sua política relativa aos protestantes, assim como a de seu pai, Francisco I (1494-1547), foi essencialmente repressiva.

[10] A Saboia, região em que Castellion nasceu, foi ocupada de 1536 a 1599 pela Coroa francesa. Por isso, no momento em que escreve a dedicatória da tradução, ele se apresenta como súdito de Henrique II, como observa Guggisberg (2017, p. 11, n. 8; p. 61).

trigo, o que seria um prejuízo irreparável.[11] Nesse inconveniente, até hoje, o mundo sempre caiu, pois vemos que muitos profetas e apóstolos, muitos milhares de mártires, até mesmo o filho de Deus, foram mortos sob o pretexto da religião. Do sangue deles terão de dar conta os que tão levianamente o derramaram ao golpear a torto e a direito durante a noite da ignorância. É bem verdadeiro o provérbio que diz: bela doutrina tem consigo aquele que pune a si mesmo em vez do outro.[12] Crede-me, Senhor, o mundo não é hoje nem melhor, nem mais sábio, nem mais perspicaz que outrora. Por isso, o melhor seria, enquanto as coisas são tão duvidosas ou tão disputadas, aguardar para lançar a flecha até que o dia raie ou que as questões estejam mais bem explicadas, por medo de, em meio a essas trevas e disputas, fazer algo de que mais tarde seja preciso dizer: não pensei nisso. Ora, o dia de que falo é o conhecimento de Deus e da verdade, conhecimento que se adquire pela fé, e a fé vem da escuta da palavra de Deus.[13] Disso se segue que cada um deve se dedicar à palavra de Deus a fim de poder conhecê-lo (pois cabe a cada um conhecer Deus assim como observar o sol para a conduta na vida presente) e compreender sua verdade. Se vós, Senhor, houvésseis elaborado algum edito para o vosso povo, seria preciso que o povo o lesse para poder compreender vossa vontade. A palavra de Deus está escrita nas Santas Escrituras, as quais, inspiradas por Deus, são úteis para instruir, para recuperar, para corrigir, para ensinar a justiça, a fim de que o homem de Deus seja o que deve ser e esteja apto a toda boa obra.[14] Contudo, quanto ao entendimento das Santas Escrituras, há várias e grandes querelas entre os homens por causa tanto das más afecções dos homens (às quais muito frequentemente fazem a Escritura servir) quanto da grandeza e majestade das Santas Escrituras, grandeza e majestade que nós, que somos tão baixos, não podemos atingir; ou ainda por causa da obscuridade na qual as encontramos e da qual São Pedro dá testemunho, falando das cartas de São Paulo.[15] Essa obscuridade reside, em parte, nas palavras e, em parte, nas matérias. Eu, portanto, que muito e longamente trabalhei nas palavras para de algum modo, se possível, ser útil aos homens ao menos nessa parte, traduzi a Bíblia para o francês da melhor maneira e em linguagem a mais adequada e compreensível que me foi possível. Outros trabalharam nisso antes de mim, trabalho que, muito longe de rejeitar, eu, quanto a mim, agradeço.[16] Contudo, assim como, nas artes e nas ciências, os últimos lhes acrescentam e aperfeiçoam algo, avançam-

[11] Referência à parábola do joio e do trigo, especificamente a *Mateus* 13: 28-29: "Os servos perguntaram-lhe: 'Quereis, então, que vamos arrancá-lo?' Ele respondeu: 'Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo.'" Segue-se aqui e nas notas seguintes a Bíblia de Jerusalém.

[12] O provérbio é atestado no *Dicionário do Francês Médio* disponível na plataforma *Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française*.

[13] Cf. *Romanos* 10: 17: "a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo". Na tradução do próprio Castellion: "*la foi vient de l'ouye et l'ouye de la parolle de Dieu*". No grego, lê-se ἀκοή, termo traduzido por Castellion em sua acepção mais concreta: "a fé vem da escuta".

[14] No original, lê-se "*en bon état pour toute bonne euure*", que remete a *Hebreus* 13: 21, "...vos torne aptos a todo bem para fazer a sua vontade", traduzido por Castellion como "...*vous vueille mettre en point en toutes bonnes euures pour faire sa volonté*".

[15] Cf. *2 Pedro* 3: 16: "É verdade que em suas cartas se encontram alguns pontos difíceis de entender (na tradução de Castellion: ...*des passages malaisés à entendre*), que os ignorantes e vacilantes torcem, como fazem com as demais Escrituras, para a própria perdição."

[16] Àquela altura, havia três traduções completas da Bíblia para o francês, como explica Sayce (2004): (1ª) a Bíblia de Antuérpia (1530), feita com base na Vulgata; (2ª) a Bíblia de Neuchâtel (1535), feita do hebraico e do grego (a chamada Bíblia de Genebra, cuja edição de referência data de 1588 (atualizada em 1693), é fruto de uma revisão da Bíblia de Neuchâtel por pastores genebrinos, entre os quais Beza); (3ª) a Bíblia de Louvain, muito devedora da Bíblia de Antuérpia. Os principais tradutores são, respectivamente, Jacques Lefèvre d'Étaples, Pierre Robert Olivétan e Nicolas de Leuze. Segundo Sayce (2004, p. 120), a tradução de Castellion "é a mais original do século e uma das melhores".

nas; assim, nesse ponto, o trabalho dos primeiros não impede a diligência e a boa afeição dos últimos. Fiz o melhor que meu saber permitiu: a verdade e os amigos da verdade julgarão meu trabalho e os bons acolherão de bom grado a minha boa vontade. Ora, considerando a quem deveria dedicar essa tradução, como anteriormente dediquei a latina ao falecido rei da Inglaterra, Eduardo, que era estudioso da língua latina,[17] parece-me (e a isso me impeliram meus amigos) que a francesa pertence ao Rei dos franceses. Haverá de vos aprazer, Senhor, receber de bom grado essa minha ousadia, tanto mais por tê-la feito com boa fé e intenção, desejando o bem a vós e a todos e buscando, segundo meu pequeno poder, ser útil a cada um para a salvação da alma.

Quanto à outra parte da obscuridade das Escrituras, a qual disse estar nas matérias,[18] não garanto ter tanto conhecimento do espírito quanto da letra. Entretanto, em conformidade com a graça que Deus, tratando dessa obra, me fez, darei conselho acerca do meio de bem compreender a Santa Escritura.[19] Quanto ao mais, rogo ao rei dos reis que queira dispor vosso coração, Senhor, a realizar sua santa vontade. Da Basiléia, primeiro de janeiro do ano mil quinhentos e cinquenta e cinco.

Referências

ALAZARD, F. *et al.* Introduction. In: CASTELLION, S. *Conseil à la France Désolée.* Édité par F. Alazard *et al.* Genève: Droz, 2017. p. vii-clxxxi.

CASTELLION, S. *La Bible nouvvellement translatée par Sebastien Chateillon.* Bâle: par Jehan Heruage, 1555. v. I-II.

_____ . Martin Bellie, ao muito ilustre príncipe e senhor, monsenhor Cristofle, duque de Wirtemberg. Tradução: Leandro Thomas de Almeida. In: ALMEIDA, L. T. *É necessário queimar os hereges:* Sébastion Castellion e a liberdade de opinião na época da Reforma Protestante. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 103-118

D'ARIENZO, M. *La liberta di coscienza nel pensiero de Sébastien Castellion.* Torino: G. Giappichelli Editore, 2008.

DELVILLE, J.-P. L'herméneutique de Sébastien Castellion. Obscurité de la Bible, pluralité des interprétations et convergence entre religions. In: GOMEZ-GERAUD, M.-C. (Ed.) *Sébastien Castellion: des Écritures à l'écriture.* Paris: Garnier, 2013. p. 307-320

DICTIONNAIRE du Moyen Français. Disponível em: https://www.atilf.fr/ressources/dmf/ Acesso em: 19 de março 2026.

GUGGISBERG, H. R. *Sebastian Castellio, 1515-1563*: Humanist and Defender of Religious Toleration in a Confessional Age. Tr. B. Gordon. London: Routledge, 2017. [2003]

LECLER, J. *Histoire de la tolérance au siècle de la Réforme.* Paris: Albin Michel, 1994 [1955]

[17] Filho de Henrique VIII com sua terceira esposa, Jane Seymour, Eduardo VI (1537-1553) reinou de 1547 até o final de sua curta vida. A tradução latina da Bíblia por Castellion foi publicada em 1551.

[18] No "aviso sobre a tradução" (não paginado), Castellion especifica que as matérias se subdividem em carnais e espirituais: as carnais são "aquelas que podem ser compreendidas pelo entendimento humano, mesmo sem espírito profético", e, se nelas há "alguma dificuldade", esta é "decifrável"; já as espirituais são as que "estão cobertas sob a letra".

[19] Abordando a obscuridade das Escrituras e a interpretação bíblica no *De haereticis a civili magistratu non puniendis*, Castellion propõe, como mostra Delville (2013, p. 315), que o princípio hermenêutico deve ser "a fé praticada no amor".

POPKIN, R. H. *The History of Scepticism from Savonarola to Bayle*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

ROESSLI, J.-M. Compte Rendu: La Bible nouvellement translatée par Sébastien Castellion (1555). Préfaces de Pierre Gibert et Jacques Roubaud, introduction, notes et commentaires de Marie-Christine Gomez-Geraud, assistée de Laure Mistral, Paris: Éditions Bayard, 2005. *Revue de Théologie et de Philosophie*, n. 140, p. 83-84, 2008.

SAYCE, R. A. Continental versions to *c.* 1600 – French versions. In: GREENSLADE, S. L. (Ed.) *The Cambridge History of the Bible*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004 [1963]. v. III, p. 113-122.

SCHMITT, C. B. *Cicero Scepticus*: a study of the influence of the *Academica* in the Renaissance. Dordrecht: Springer, 1972.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Tradução: A. Vannucchi *at al*. São Paulo: Loyola, 2001. 9v.

VAN DER WOUDE, S. Introduction. In: CASTELLION, S. *De haereticis an sint persequendi*. Réproduction en fac-similé de l'édition de 1554 avec une introduction de Sape Van Der Woude. Genève: Droz, 1954. p. i-xxv.

YARDENI, M. *La Conscience Nationale en France pendant les guerres de religion (1559-1598)*. Louvain: Éditions Nauwelaerts; Paris: Béatrice-Nauwelaerts, 1971.